

O USO DE ANTIDEPRESSIVOS NA ADOLESCÊNCIA DECORRENTES DA PANDEMIA DO COVID-19

Rafaela de Araujo Barcellos¹
Alex Sandro Rodrigues Baiense²

RESUMO: O presente estudo diz respeito ao uso de antidepressivos na adolescência decorrente da pandemia da COVID-19. Para tanto, objetiva conceituar os termos “adolescência” e “depressão”, com o intuito de apontar os possíveis impactos psíquicos e emocionais, quando estes coexistem no sujeito que vivencia a patologia durante esta fase e descrever os resultados do consumo desse medicamento por adolescentes durante o período pandêmico, cuja problemática é consideravelmente urgente e importante na discussão a respeito da saúde desta população. Partindo desse pressuposto, foram analisados inúmeros trabalhos científicos a respeito, que contribuiriam grandemente para a conclusão deste estudo. Identificamos as causas psicossociais associadas à pandemia que desencadearam o uso de antidepressivos pelos jovens e discutimos acerca da dependência causada aos sujeitos em questão pelo uso excessivo deste medicamento. Por fim, investigamos o papel e a atuação do poder público na assistência à saúde mental da população jovem pós-período da pandemia do coronavírus, visando minimizar os impactos psicológicos causados por esse fenômeno que atingiu direta e drasticamente a vida de muitos adolescentes no Brasil e no mundo.

1846

Palavras-chave: Antidepressivos. Adolescência. Covid-19.

ABSTRACT: The present study concerns the use of antidepressants in adolescence due to the COVID-19 pandemic. Therefore, it aims to conceptualize the terms "adolescence" and "depression", in order to point out the possible psychic and emotional impacts, when they coexist in the subject who experiences the pathology during this phase and to describe the results of the consumption of this medicine by adolescents during this period. the pandemic period, whose problem is considerably urgent and important in the discussion about the health of this population. Based on this assumption, numerous scientific works were analyzed, which greatly contributed to the conclusion of this study. We identified the psychosocial causes associated with the pandemic that triggered the use of antidepressants by young people and discussed the dependence caused by the excessive use of this medication in the subjects in question. Finally, we investigated the role and performance of public authorities in mental health care for the young population after the coronavirus pandemic, in order to minimize the psychological impacts caused by this phenomenon that directly and drastically affected the lives of many adolescents in Brazil and in the world.

Keywords: Antidepressants. Adolescence. Covid-19.

¹ Graduação em Farmácia pela Universidade Iguazu – UNIG, nova Iguazu, RJ.

² Professor Orientador do curso de Farmácia pela Universidade Iguazu- UNIG, nova Iguazu, RJ.

INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS (1965), a adolescência é definida como um período biopsicossocial, compreendido entre os 10 e 20 anos de idade, sendo a segunda fase da vida.

A palavra adolescência vem do latim *adolescere*, que significa crescer. No entanto, sabemos que crescer, nessa faixa etária, não diz respeito apenas às transformações biológicas e fisiológicas, mas também à maturação psicossocial. É durante esta fase que os indivíduos aprendem, nas interações sociais, a se tornar adulto, exigindo de si o devido amadurecimento nas áreas psicológica, emocional e social.

Partindo da premissa que as relações são inerentes à vida humana e, através delas, desenvolvemos nossa personalidade, estabelecemos conexões, lidamos com as diferenças individuais e construímos ciclos afetivos, o isolamento forçado pela pandemia refletiu abrupta e negativamente nesta parcela da população que sofreu a privação de sua liberdade (BINOTTO et al, 2021).

Os adolescentes, por não saberem lidar com este contexto, apresentaram crises de pânico e/ou ansiedade, convulsões e depressão. Tal instabilidade emocional advém da repentina mudança de rotina, assim como da relevante insegurança e receio em se contaminar e transmitir a doença aos seus familiares, correndo o risco de vivenciar tais perdas (SCHNAIDERMAN et al., 2021; VASILEVA et al., 2021; MONDRAGON et al., 2020).

De acordo com Brambilla (2022), houve um aumento de 8,5% no uso de medicamentos, por parte dos jovens, após o início das medidas de distanciamento social, cujo cumprimento era a considerada a maneira mais eficaz de frear a disseminação do vírus. Com isso, muitos destes jovens, se automedicavam com ansiolíticos e antidepressivos, deixando de buscar ajuda adequada dos profissionais especialistas.

Ciente do impacto do consumo destes fármacos nos adolescentes, discutiremos, no presente estudo, os reflexos causados pela pandemia da COVID-19 na saúde mental dos sujeitos aqui mencionados.

OBJETIVO

O objetivo geral deste trabalho é investigar os impactos do consumo de antidepressivos por adolescentes durante a pandemia da COVID-19.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Levantar dados sobre casos de depressão na adolescência;
- Apontar os impactos psicológicos e emocionais causados no sujeito que vivencia a depressão na adolescência;
- Identificar as causas psicossociais associadas à pandemia;
- Discutir as consequências da dependência causada pelo uso excessivo dos antidepressivos na adolescência;
- Investigar a atuação do poder público na assistência à saúde mental da população jovem pós-COVID-19.

METODOLOGIA

O presente estudo será desenvolvido na perspectiva de levantamento de dados bibliográficos, visto que a pesquisadora tem como base a percepção do fenômeno dentro de seu contexto e procura captar, não só a aparência deste, como também suas essências, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as consequências.

Quanto ao objetivo de estudo, a presente pesquisa é a explicativa, devido ao fato desta visar o aprofundamento do conhecimento da realidade e esclarecer quais fatores contribuem, de alguma forma, para ocorrência de determinado fenômeno (GIL, 2008).

O tipo a ser estabelecido é o da pesquisa bibliográfica, uma vez que serão utilizadas fontes primárias e secundárias acerca do tema, a fim de explicar as causas e consequências do fenômeno ocorrido. A coleta de dados à pesquisa será feita com a finalidade da pesquisadora estar em contato direto com tudo o que foi escrito, dito e documentado sobre seu fenômeno, em artigos científicos e fontes governamentais.

JUSTIFICATIVA

Acreditamos que o tema “O uso de antidepressivos na adolescência decorrente da pandemia da COVID-19” seja de extrema importância à Academia e, sobretudo, à população em geral, visto que compreender e discutir os efeitos deste fenômeno patológico, iniciado em 2020, que vem atingindo os jovens até os dias atuais, contribui para que saibamos o real impacto do isolamento social na vida do ser humano, principalmente, no adolescente que se encontra na fase de intensa transformação de seu corpo em seus aspectos físico, emocional, psicológico e social.

Diante do contexto da pandemia, muitos jovens apresentaram diversos comportamentos compatíveis com desestabilização emocional, como irritabilidade, indecisão, insônia, baixa concentração e estresse pós-traumático. Dessa maneira, os danos psicológicos causados à essa parte da população, gerou um aumento alarmante de casos de depressão e, conseqüentemente, do índice de medicalização.

Sabemos que a depressão é considerada a “doença do século” e, muitas vezes, ocorre de forma silenciosa, se tornando um grande desafio para a sociedade, que busca minimizar o sofrimento daqueles que a vivenciam. Sendo assim, diante das problemáticas experienciadas pelos adolescentes, durante o período pandêmico, muitos deles passaram a se automedicar, sem prescrição médica, de forma desordenada.

Com base neste cenário, esperamos que o presente estudo auxilie os profissionais da saúde a perceber os danos psicológicos e emocionais causados pela COVID-19 a este público, assim como corrobore com a conscientização da população acerca da importância da indicação médica e do acompanhamento profissional para reduzir os reflexos da patologia e garantir bem-estar e melhor qualidade de vida a estes indivíduos.

DESENVOLVIMENTO

O Transtorno Depressivo Maior, popularmente conhecido como Depressão, “é caracterizado pela presença de humor triste, vazio ou irritável acompanhado de alterações somáticas e cognitivas que afetam significativamente a capacidade de funcionamento do indivíduo” (DSM-V, 2014, p. 155). Ainda segundo o Manual

Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), em crianças e adolescentes, geralmente, desenvolve-se um humor irritável ou rabugento, em vez de triste e abatido. Este transtorno pode aparecer em qualquer idade, mas a probabilidade de início aumenta, sensivelmente, com a puberdade.

1. CASOS DE DEPRESSÃO NA ADOLESCÊNCIA

Na adolescência, a depressão costuma se apresentar através de sintomas de baixa autoestima, inibição, dificuldade de aceitação, conflitos e falta de esperança. Normalmente, estes sujeitos demonstram uma visão negativa de si, dos seus pares, assim como a respeito do futuro, gerando um risco maior de suicídio e abuso de substâncias (FRIEDBERG, 2004).

A depressão em adolescentes começou a ser estudada na década de 1960, embora não tenhamos registros de pesquisas anteriores a esta data. De acordo com Kesser e Ustun (2011), atualmente, a doença nesta faixa etária é considerada um grave problema de saúde mundial, haja vista a prevalência de 20% de transtornos depressivos em estudos epistemológicos durante este período.

No Brasil, estudo realizado por Souza et al (2002), avaliou os índices de suicídio entre jovens, evidenciando que a depressão está relacionada à maior ideação e atos suicidas, ocupando, este tipo de morte o 6º lugar dentre as mais comuns causas de mortalidade adolescente.

2. IMPACTOS PSICOLÓGICOS E EMOCIONAIS NO ADOLESCENTE COM DEPRESSÃO

De acordo com Patel et al (2007), no Brasil, a depressão é mais comum entre as mulheres do que em homens, além de poder ocorrer em qualquer idade, embora a média de início aconteça a partir dos 25 anos. Contudo, grande parte da evidência que corrobora com tal conclusão baseia-se em dados recordatórios, como por exemplo, o fato de muitos adultos relatarem seu primeiro episódio depressivo aos 18 anos de idade.

Para Damião et al (2011), os adolescentes se deparam, diariamente, com inúmeras situações novas, o que contribui para variáveis de humor e mudanças de comportamento e, conforme aqui mencionado, esta fase da vida é marcada pela reorganização emocional, o que vulnerabiliza o agravamento depressivo.

Um estudo realizado pelo mesmo autor, em duas capitais do Nordeste, apontou maior relevância da depressão em indivíduos do sexo feminino, indicada por sentimentos de choro, insônia, tristeza, pensamento suicida e morte. Esse estudo se ratifica outros dados da literatura, como o do de Lopez et al (2011) na região Sul do Brasil, que registra a vulnerabilidade no sexo feminino como duplamente maior que no masculino.

De acordo o Código Internacional de Doenças, o CID 10 (1994), as três tipificações de graus de depressão – leve, moderado e grave – apresentam sintomas em comum no sujeito, sendo eles: redução da energia, diminuição da atividade e rebaixamento de humor. Existe ainda alteração da capacidade em experimentar o prazer, dificuldade de concentração e perda de interesse, relacionados à fadiga, mesmo diante de mínimo esforço realizado. Além destes, observa-se também a diminuição de apetite, problemas com insônia, baixa autoestima e autoconfiança, o que acarreta o sentimento de culpabilidade e indignidade.

No CID 10, caracteriza-se Depressão Leve quando o paciente apresenta, geralmente, dois ou três dos sintomas citados acima, cuja presença destes não impede sua capacidade em desempenhar suas atividades cotidianas. No episódio Depressivo Moderado, há a incidência de quatro ou mais sintomas, o que dificulta a execução de sua rotina. No Depressivo Grave, o cenário torna-se ainda mais preocupante, visto que há a presença de diversos sintomas, principalmente a perda de autoestima e a ideia de culpa contribuindo para o pensamento suicida.

Uma pesquisa realizada por Kovalski (2015, p. 54-55) com estudantes adolescentes no Distrito Federal, apresenta a precedência da Depressão Leve, Moderada e Grave por gênero. Os resultados obtidos pela autora verificam que 32% dos jovens não têm depressão; 45% se classificam como portadores de Depressão Leve; 19% como Depressão Moderada e 4% como Depressão Grave. No que se refere à comparação entre os sexos, observa-se que, no que diz respeito à Depressão Leve, há uma prevalência muito próxima entre eles, sendo 45% no feminino e 46% no masculino. Para a classificação de Depressão Moderada e Grave, nota-se uma incidência maior entre as meninas (25% e 6% e 13% e 11%, respectivamente), sendo a

diferença entre os gêneros estatisticamente relevantes, conforme mostram a tabela e o gráfico a seguir:

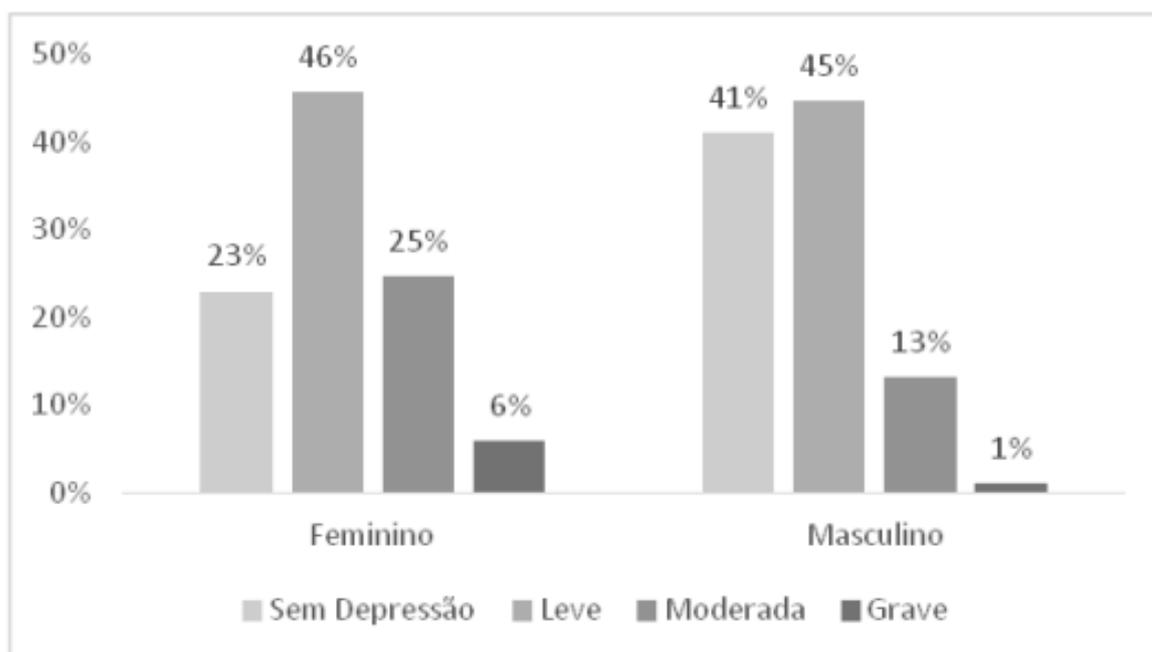
Tabela 1: Gradação da Depressão, segundo o sexo

Gradação	N	%	Masculino	%	Feminino	%	Desvio de residuo	p-valor
Ausência	470	32%	295	41%	177	23%	7,13	<0,0001
Depressão Leve	662	45%	321	45%	343	46%	0,44	>0,05
Depressão Moderada	279	19%	95	13%	185	25%	5,59	<0,0001
Depressão Grave	59	4%	9	1%	45	6%	4,83	<0,0001

$\chi^2 = 82,5796$; p-valor < 0,0001

Fonte: Kovalski, 2015.

Figura 1: Distribuição da gradação dos estados depressivos por sexo



Fonte: Kovalski, 2015.

3. CAUSAS PSICOSSOCIAIS ASSOCIADAS À PANDEMIA DO COVID-19

“A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global” (MS, 2021). O primeiro caso da doença foi detectado, em dezembro de 2019, na

China, se alastrando rapidamente por outras partes do mundo, ocasionando sua classificação como pandemia pela Organização Mundial da Saúde, em março de 2020.

Por ser considerada uma síndrome viral capaz de sofrer mutações, de preocupação internacional, e – no início da pandemia – com escassez de medicamentos para o tratamento específico da infecção, cuja transmissibilidade era alta, foram implementadas medidas urgentes para o controle de sua disseminação.

No dia 6 de fevereiro de 2020, o Governo Federal publicou a Lei nº 13.979 que estabelecia medidas de isolamento social como solução para conter a propagação do vírus. O Governo do Estado do Rio de Janeiro, por sua vez, em 13 de março de 2020, determinou a suspensão das aulas em escolas públicas e privadas, assim como eventos e atividades coletivas por, inicialmente, um período de 15 dias. Na semana seguinte, decretou situação de emergência no Estado, tendo em vista o aumento desenfreado do número de casos.

Conforme apontam Nascimento e Duarte (2022), o isolamento social evidenciou o aumento expressivo dos impactos psicossociais e emocionais de desenvolvimento neste período, tais como irritabilidade, baixa concentração, insônia, estresse pós-traumático e ideação suicida, comprovando que a desestabilização emocional não estava associada ao quadro clínico infeccioso e sintomatológico. A privação repentina de liberdade e a incerteza quanto ao futuro pós-pandemia, potencializou o agravamento de danos psicológicos à sociedade em geral (FIORILLO, 2020).

Apesar de crianças e jovens terem 56% menos propensão a contrair a doença quando comparado aos adultos, e quando infectados, esse público apresenta quadros leves ou assintomáticos, os impactos na saúde mental são significativos, devido às mudanças relevantes na vida diária, principalmente, na retirada do convívio escolar (NASCIMENTO & DUARTE 2022).

Segundo Carvalho (2020), os danos psicológicos causados na Covid-19, advém do confinamento, tendo em vista os seguintes fatores: falta de visita dos amigos e parentes, medo das características causadas pelo vírus e vulnerabilidade em pessoas mais frágeis com doenças crônicas sendo uma predisposição ao coronavírus.

Como afirma Oliveira et al (2020), por mais que sejam criados planejamentos clínicos e científicos para minimizar os efeitos do vírus sobre a saúde física, as consequências de curto e longo prazo na saúde mental, despertam grande preocupação nos adolescentes que tendem a ser mais presentes na sociedade.

4. CONSEQUÊNCIAS DA DEPENDÊNCIA CAUSADA PELO USO EXCESSIVO DOS ANTIDEPRESSIVOS NA ADOLESCÊNCIA

Segundo Lannes (2018, p. 17), “os tratamentos para o indivíduo com diagnóstico de depressão comumente utilizadas no cuidado aos indivíduos são: psicoterapia, uso de psicofármacos e estimulação magnética transcraniana”. O tratamento medicamentoso é o mais conhecido, sendo a primeira escolha de muitos profissionais da saúde mental.

Embora a farmacoterapia esteja presente como o tratamento mais utilizado em pacientes deprimidos, desde 1956, pode não representar a melhor solução. A Agência regulatória norte-americana, *Food and Drug Administration* (FDA), publicou a respeito da segurança de medicamentos, na qual apontou o fato de antidepressivos aumentarem o risco de comportamentos e pensamentos suicidas em crianças e adolescentes com Transtorno Depressivo Maior, alertando para a baixa segurança que esses medicamentos podem trazer à população jovem.

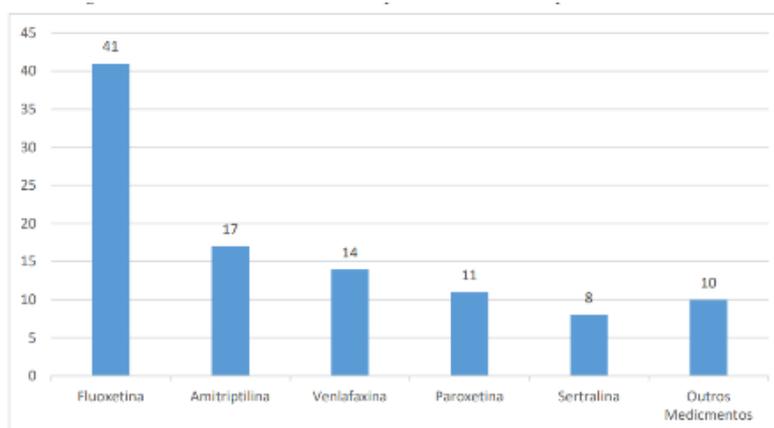
Uma pesquisa realizada por Campos e colaboradores (2019) em 302 jovens, observou que 19,2% deles faziam uso de medicamentos controlados e, entre eles, 3,6%, consumiam psicotrópicos. Os autores alertam sobre os cuidados que se deve ter ao fazer uso destes psicofármacos, tendo em vista a alta possibilidade de causar tolerância e dependência nos usuários.

De acordo com Brito (2011), 2 a cada 3 adolescentes com depressão não são identificados/diagnosticados, tampouco recebem tratamento. Sendo assim, dos que têm seu diagnóstico atestado, apenas 50% deles recebem o tratamento adequado.

Para o tratamento da depressão são, comumente, utilizados antidepressivos que têm a finalidade de inibir a recepção dos neurotransmissores ou diminuir a sua transmissão por meio da MAO (Monoaminaoxidase), resultando no aumento do nível dos neurotransmissores na fenda sináptica e, conseqüentemente, reestruturando o humor do paciente (CUNHA e GANDINNI, 2009).

Os antidepressivos mais utilizados, segundo pesquisa elaborada por Silva Barbosa et al (2020), são: Fluoxetina, Amitriptilina, Venlafaxina, Paroxetina, Sertralina e Citalopram.

Figura 2: Percentual dos medicamentos prescritos para adolescentes com depressão



Fonte: Silva Barbosa et. al (2020)

Conforme o gráfico exposto acima, o Fluoxetina é o medicamento mais consumido e pertence a uma classe de Inibidores Seletivos de Recaptação da Serotonina (ISRS), que atua diretamente no Sistema Nervoso Central – SNC – elevando o nível de serotonina e causando sensação de bem-estar, aumento do apetite e melhora do sono. A Amitriptilina, por sua vez, sendo a segunda mais utilizada, pertence a classe dos antidepressivos diferentes dos demais – o Antidepressivo Tricíclico (ADT's) – cuja aplicação em doses específicas serve para tratar a condição de dor do paciente.

4.1 Efeitos Colaterais

Os efeitos colaterais, dentre outras variáveis, é o principal fator considerado quanto à escolha do tratamento para os adolescentes. Dessa forma, ao prescrever o medicamento, o profissional deve levar em conta aquele que apresente o menor número de efeitos colaterais (SOUZA, 1999).

Conforme afirmam Goodman e Gilman (2012), a classe dos antidepressivos que apresenta mais destes efeitos são os ADT's (Amitriptilina), principalmente, na parte cardíaca.

Os ISRS (Fluoxetina, Paroxetina e Sertralina) causam efeitos colaterais mais brandos e frequentes que os ADT's, como efeitos gastrointestinais e sexuais. Os IRSN's (Venlafaxina) podem gerar náuseas, insônia, cefaleia, boca seca, tontura, anorexia, visão turva, disfunção sexual e gastrointestinais (GOODMAN e GILMAN, 2012).

De acordo com Rang e Dale (2011), é previsto que um quarto dos pacientes abandone o tratamento por não suportar os efeitos colaterais e, os que permanecem, apresentam um prejuízo significativo de sua qualidade de vida.

Figura 3: Amitriptilina



Fonte: Próprio autor, 2023

Figura 4: Fluoxetina



Fonte: Próprio autor, 2023

Figura 5: Venlafaxina



Fonte: Próprio autor, 2023

4.2 AUTOMEDICAÇÃO

O uso contínuo – ou não – de medicamentos, sem prescrição médica, é um costume frequente na população brasileira. No caso de jovens, os genitores/responsáveis contribuem bastante para essa prática, visto que exercem influência no comportamento do sujeito, cuja atitude pode acarretar graves consequência à sua saúde, considerando a negligência e não-conscientização acerca de seu risco (PEREIRA et. al, 2019).

Segundo Barboza et. al (2021), uma pesquisa realizada numa cidade do Sul do Brasil, verificou que a frequência da automedicação pelo público adolescente escolar varia entre 12% e 36%, alertando para a gravidade da utilização desenfreada dos medicamentos, associada ao fato de que este consumo é realizado juntamente ao de drogas ilícitas.

A pesquisa realizada por Valença e seus colaboradores (2020), corrobora com a ideia de que a imprudência dos jovens na automedicação de antidepressivos pode lhes causar dependência tóxica/química, tendo em vista o constante uso de psicotrópicos por não conseguir lidar com as aflições e frustrações do dia a dia, utilizando-se do medicamento como fuga da realidade em que se encontram.

5. A ATUAÇÃO DO PODER PÚBLICO NA ASSISTÊNCIA À SAÚDE MENTAL DO ADOLESCENTE PÓS-COVID 19

O contexto da pandemia impactou a vida de inúmeras pessoas no país, dentre elas, os adolescentes. A mudança brusca de rotina, o receio de ser contaminado e transmitir aos familiares e colegas e o isolamento social desencadearam quadros de ansiedade e depressão em grande parte do público jovem.

Segundo o Ministério da Saúde (2022), uma recente revisão de 29 pesquisas constatou que os sintomas de ansiedade e depressão entre crianças e adolescentes dobraram após o início da pandemia. O período anterior à crise sanitária, marca 12,9% eram os sintomas depressivos comuns a este grupo. Todavia, após a pandemia, a porcentagem aumentou para 25,2%.

Diante desta problemática, o Governo Federal lançou algumas estratégias de cuidados para a saúde mental, através da Portaria nº 1.836, de 24 de junho de 2022, que institui incentivos financeiros federais de custeio e investimento para ampliação do acesso aos cuidados de depressão e ansiedade, pelo público infantojuvenil, para enfrentamento dos impactos advindos da pandemia do Covid-19.

Com o lema “Falar é o primeiro passo para salvar vidas”, o Ministério da Saúde divulgou três projetos a serem geridos pelo SUS (Sistema Único de Saúde):

5.1 Linha vida

Sendo uma das primeiras ações, atenderá pelo número telefônico “196”, acolhendo e direcionando pessoas, buscando a prevenção do suicídio e da automutilação. O serviço funcionará 24h por dia, todos os dias da semana, tendo seu projeto-piloto iniciado pelo Distrito Federal.

5.2 Projeto teleconsulta

Com a finalidade de apoiar sujeitos com a saúde mental afetada pela Covid-19, visa ampliar a assistência dos que possuem transtorno mental leve, através de recursos de telemedicina. Serão ofertadas, de forma online, 12 mil teleconsultas com psicólogos e 6 mil com psiquiatras. Seu agendamento deverá ser agendado pela equipe da Unidade Básica de Saúde (UBS).

5.3 Estratégia nacional de fortalecimento dos cuidados à ansiedade e depressão

Funcionará, a partir de repasse de recursos da União às Equipes Multiprofissionais de Atenção Especializada em Saúde Mental (EMAESM/AMENT) para assistência às crianças e adolescentes com ansiedade e depressão, decorrentes da pandemia do Coronavírus.

O secretário de Atenção Primária à Saúde, Raphael Câmara, afirmou que o foco no investimento à saúde mental cresceu ainda mais diante do contexto pandêmico. “Fizemos um crédito extraordinária de mais de R\$ 100 milhões observando os problemas psicológicos graves advindos da pandemia”.

5.4 – No estado do Rio de Janeiro

PROJETO JOVENS COMUNICADORES

O projeto, desenvolvido com o apoio da FeSaúde, possui atuação inovadora ao levar informações seguras sobre a saúde, onde jovens ajudam seus pares, através de diálogo sobre a saúde mental.

Além dos conteúdos sobre a saúde física e cuidados específicos no cenário da pandemia, inúmeras ações visando o cuidado à saúde mental foram desenvolvidas, dentro de um espaço afetivo, como oficinas de capacitação e suporte de diversos profissionais, onde os jovens ocupam seu tempo e compartilham experiências, saberes populares e a realidade de seus territórios.

A fim de promover saúde nas regiões periféricas e prevenção à covid-19, o projeto iniciou em julho de 2020 e atendeu jovens entre 16 e 29 anos, moradores das áreas de Niterói, Maricá, Itaboraí e São Gonçalo e; entre 16 e 24 anos, na Maré e na Pavuna.

CONCLUSÃO

Diante das considerações expostas acima, podemos verificar o reflexo da pandemia da Covid-19 na saúde mental dos adolescentes. O agravamento dos sintomas da depressão, o elevado índice percentual da doença acometido à população jovem durante este período e as implicações do uso excessivo de antidepressivos, nos traz um alerta da urgente problemática psicológica que os afeta.

Frente às adversidades constatadas durante e após o cenário da pandemia, torna-se claro a necessidade de uma contínua e eficaz assistência com foco na saúde mental dos adolescentes, além da utilização de estratégias de prevenção destes transtornos psicológicos. É preciso buscar formas de estreitar a relação de proximidade e confiança entre familiares e jovens, a fim de que possam enfrentar juntos as circunstâncias da pandemia, reconhecendo a importância do acompanhamento de um profissional de saúde e dos malefícios da falta do diagnóstico e da automedicação.

Consideramos papel do poder público orientar a sociedade e divulgar amplamente as informações de acesso e cuidado à saúde mental da população, principalmente do público infantojuvenil, acerca do tratamento adequado. Além disto, ressaltamos a importância da implementação de projetos presentes nos municípios de cada um dos estados do Brasil, assim como a urgência na execução desses projetos como os criados pelo Governo Federal que, embora tenham sido lançados em junho de 2022, até os dias atuais ainda não se tem registros de seu cumprimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, Thomás. **Fluoxetina e o controle do apetite: Será que Fluoxetina emagrece?** Disponível em: <https://www.telavita.com.br/blog/fluoxetina-emagrece/>. Acesso em: 21 mar. 2023.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: editora Artmed, 2014.

BARBOZA, M. P. .; MEDEIROS, D. B. da S. .; SILVA, N. M. da; SOUZA, P. G. V. D. de . The use of antidepressants in adolescence and their self-medication. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 15, p. e310101522995, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i15.22995. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/22995>. Acesso em: 22 mar. 2023.

BINOTTO, B. T.Goulart, C. M. T.&Pureza, J. R. (2021). **Pandemia da COVID-19: indicadores do impacto na saúde mental de adolescentes.** Rev. Psicol Saúde e Debate. 7(1),195-213.

BRAMBILLA, C. F.(2022). **Isolamento social e o aumento/diminuição do consumo de álcool e psicotrópicos durante a COVID-19.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciência Política e Sociologia) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu.

BRASIL. Lei nº 13979, de 06 de fevereiro de 2020. Brasília.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. . **Com investimento de R\$ 45 milhões, Governo Federal lança estratégias para cuidar da saúde mental dos brasileiros.** 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/junho/com-investimento-de-r-45-milhoes-governo-federal-lanca-estrategias-para-cuidar-da-saude-mental-dos-brasileiros>. Acesso em: 22 mar. 2023.

BRASIL. Portaria nº 1.836, de 24 de junho de 2022. **Ministério da Saúde.** Brasília.

BRITO, I. (2011). **Ansiedade e depressão na adolescência.** *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*, 27(2), 208-14.

CAMPOS, C. G., MUNIZ, L. A., BELO, V. S., ROMANO, M.C. C., & LIMA, M. D. C. (2019). **Conhecimento de adolescentes acerca dos exercícios físicos para a saúde mental.** *Ciência & Saúde Coletiva*, 24, 2951-2958.

CARVALHO, Andre Cutrim, CARVALHO, DEVID FERREIRA. **Consequências do novo Corona vírus na economia do Brasil: perspectiva de compreensão economia e estatística do problema.** Paper do NAEA. v.29, n.1(dossiê crise e pandemia), 2020.

CUNHA, M. F. E; GANDINI, R. C. **Adesão e Não-Adesão ao Tratamento Farmacológico para Depressão.** *Psicologia: Teoria e Pesquis*, p. 409-418, 2009

DAMIÃO, N. F., Coutinho, M. P. I, Carolino, Z. C. G. & ribeiro, k. C. S. **“Representações sociais da depressão no ensino médio: um estudo sobre duas capitais”** *Psicologia & Sociedade*; 2011. 23 (1): 114-124.

DROGASUL. **MEDICAMENTOS CONTROLADOS ANTIDEPRESSIVOS GENERICOS.** Disponível em: <https://e.drogasul.med.br/antidepressivo-gener/gamitriptilina-25-mg-30-cpr-p344-212>. Acesso em: 21 mar. 2023.

FESAÚDE (Niterói). **Projeto 'Jovens Comunicadores' discute a saúde mental de adolescentes durante a pandemia.** 2021. Disponível em: <https://www.fesaude.niteroi.rj.gov.br/sua-saude/projeto-jovens-comunicadores-discute-a-saude-mental-de-adolescentes-durante-a-pandemia>. Acesso em: 22 mar. 2023.

FIORILLO A, Gorwood P. **The consequences of the COVID-19 pandemic on mental health and implications for clinical practice.** Eur Psychiatry. 2020 Apr 1;63(1):e32. doi: 10.1192/j.eurpsy.2020.35. PMID: 32234102; PMCID: PMC7156565.

FRIEDBERG, R.D.; MCCLURE, J.M. **A prática clínica de terapia cognitiva com crianças e adolescentes.** Porto Alegre: editora Artmed, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 28. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>>.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Decreto nº 46.970, de 13 de março de 2020.** Rio de Janeiro.

KESSLER RC, Ustun TB. **The WHO World Mental Health Surveys: Global Perspectives on the Epidemiology of Mental Disorders.** New York (NY): Cambridge University Press; 2011.

KOVALSKI, Elisa Goulart Machado. **Depressão em adolescentes: um estudo de prevalência no Distrito Federal.** 2015. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Saúde Coletiva, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19519/1/2015_ElisaGoulartMachadoKolvalski.pdf. Acesso em: 18 mar. 2023.

LOPEZ, M.R.A.; Ribeiro, J.P.; Ores, L.C.; Jansen, K.; Souza, L.D.M.; Pinheiro, R.C.; Silva, R.A. **Depressão e qualidade de vida em jovens de 18 a 24 anos no Sul do Brasil.** Ver. Bras. Psiquiatr. Rio Gd Sul. 2011; 33 (2): 103-108.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **O que é a Covid-19?** 2021. Governo Federal. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 19 mar. 2023.

MONDRAGON, N. I., Sancho, N. B., Santamaria, M. D., & Munitis, A. E. (2020). **Struggling to breathe: a qualitative study of children's wellbeing during lockdown in Spain.** Psychology & Health, 36(2), 179-194. <https://doi.org/10.1080/08870446.2020.1804570>.

NASCIMENTO, E. S. do, & Duarte, A. L. M. (2022). **Covid e Depressão: o reflexo da pandemia na utilização de antidepressivos por adolescência / Covid and Depression: the reflection of the pandemic on adolescence use of antidepressants.** Brazilian Journal of Development, 8(6), 45381-45396. <https://doi.org/10.34117/bjdv8n6-184>

NEUMANN, Ana Luisa; KALFELS, Fabíola Maria; SCHMALZ, Fernanda. **IMPACTO DA PANDEMIA POR COVID-19 SOBRE A SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA.** Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/23381> Acesso em: 2 abr. 2021.

OLIVEIRA, Vinicius Vital; et al. **Impactos do isolamento social na saúde mental de idosos durante a pandemia pela COVID-19**. Brazilian Journal of Health Review, Curitiba. v. 4, n.1, p. 3718-3727, jan/fev.2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA Saúde (1965). **Problemas de la salud de la adolescencia. Informe de un comité de expertos de la O.M.S** (Informe técnico n° 308). Geneva.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-10: Classificação Estatística Internacional de Doenças** com disquete Vol. I. Edusp, 1994.

PATEL, V., A. J. Flisher, S. Hetrick, and P. McGorry. **Mental health of young people: a global public-health challenge.**: The Lancet;2007 v. 369, p. 1302-1313.

PEREIRA, FGF, Carvalho, MRD, Figueiredo, IGDA, Nascimento, DDS, Benício, CDAV & Leal, JDV (2019). **Automedicação em adolescentes da rede estadual de ensino na cidade de Picos/ Piauí**.

PIRES, C. da S. .; BEZERRA, M. A. L. .; AMORIM, A. T. . **Consumption of psychotropic drugs among adolescents during the COVID-19 pandemic**. Research, Society and Development, [S. l.], v. 11, n. 7, p. e54011730527, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i7.30527. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/30527>. Acesso em: 12 mar. 2023.

RANG, H.P., DALE, M.M., RITTER, J.M., FLOWER, R.J., HENDERSON, G. **Farmacologia**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

1862

RIOMED, Portal. **MEDICAMENTOS GENÉRICOS ANTIDEPRESSIVO CLORIDRATO VENLAFAXINA 75MG 30CAPS C1* GEOLAB**. Disponível em: <https://portal.riomeddistribuiçao.com.br/antidepressivo/cloridrato-venlafaxina-75mg-30caps-c1-geolab-13879>. Acesso em: 21 mar. 2023.

SCHNAIDERMAN, D., Bailac, M., Borak, L., Comar, H., Eisner, A., Ferrari, A., Giannini, G., Risso, F., Vetere, C., & Garibotti, G. (2021). **Impacto psicológico del aislamiento por COVID-19 en jóvenes de San Carlos de Bariloche, Argentina: la mirada de los padres**. Archivos Argentinos de Pediatría, 119(3), 1-7. <http://dx.doi.org/10.5546/aap.2021.170>

SILVA BARBOSA, E. S., RODRIGUES, K. D. S. R., & de CARVALHO Abreu, C. R. (2020). **Antidepressivos utilizados por adolescentes assistidos no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II) em Cidade Ocidental – GO**. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, 3(7), 329-335.

SOUZA, F. G. M. **Tratamento da depressão**. Revista brasileira de Psiquiatria, v. 21, p. 18-23, 1999.

SOUZA, Edinilsa Ramos; Minayo, Maria Cecília de Souza; Malaquias, Juaci Vitória. **"Suicide among young people in selected Brazilian State capitals Suicídio de jovens nas principais capitais do Brasil."** Cad. Saúde Pública 2002; 18. (3): 673-683.

VALENÇA, R. C. P., Guimarães, S. B., & da Paixão Siqueira, L. (2020). **Prescrição e uso de antidepressivos em crianças e adolescentes -uma revisão da literatura.** *Brazilian Journal of Development*, 6(12), 94860-94875.

VASILEVA, M., Alisic, E., & Young, A. (2021). **Covid-19 desenmascarado: pensamentos negativos y preocupaciones de niños preescolares durante la pandemia de covid-19 en Australia.** *European journal of psychotraumatology*, 12(1), 1-11. <https://doi.org/10.1080/20008198.2021.1924442>.